

“O HIP HOP E A FAVELA”: REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA SALA DE AULA

GONÇALVES, Renuza Dorissote¹

PEREIRA, Jefferson Rodrigo Fernandes²

RESUMO

A proposta deste trabalho é relatar a experiência realizada em sala de aula com alunos do 2º Ano A – turma de 2015, do Ensino Médio, da Escola Estadual Padre João Tomes, localizada em Três Lagoas/ MS. O trabalho orbita sobre as concepções de um ensino antirracista que foi formalizado em 2003 com a Lei 10.639/03, depois 11.645/08 que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e africana nos locais de ensino fundamental e médio. Assim, baseando-se nas concepções da lei, desenvolvemos uma *sequência didática*³ que aborde o racismo em nossa sociedade, como também valorize a cultura dos afrodescendentes. Desta maneira, desenvolvemos a reflexão, utilizando como tema central o Hip Hop e o contexto de sua chegada ao Brasil, dando enfoque para seu espaço de maior adaptação no país, as favelas. O Hip Hop surge nos Estados Unidos, na década de 1970, no Bronx, um bairro de periferia. Têm como principal característica a denúncia às desigualdades enfrentadas pelas populações negras daquele país. A metodologia utilizada para a reflexão e as atividades em sala de aula, basearam-se em teóricos que abordam a questão da cultura afro-brasileira, bem como o Hip Hop, nos Estados Unidos e no Brasil. Além disso, utilizamos os elementos que compõem a concepção do Hip Hop, como a dança, a expressão artística, entre outros. Desta forma, pretendemos neste artigo, apresentar os resultados da sequência didática realizada na sala de aula, com as atividades (produtos didáticos) confeccionados pelos próprios alunos, a partir de sua interpretação da questão do racismo, do preconceito com as expressões que advém do Hip Hop.

PALAVRAS -CHAVES: Ensino Antirracista; Racismo; Cultura Hip Hop.

INTRODUÇÃO

O projeto foi desenvolvido no ano de 2015, na Escola Estadual Padre João Tomes, na cidade de Três Lagoas/MS, pela construção de sequências didáticas pautadas sobre uma

¹ Graduanda do curso de licenciatura em História (UFMS/CPTL), Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: renuza2009@hotmail.com

² Graduando do curso de licenciatura em História (UFMS/CPTL), Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: jefferson.rfp@gmail.com

³ Refiro-me ao conceito de Sequência Didática definido por Zabala, em que esta seria “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (ZABALA, 1998, p.18).

educação étnico-racial, através do programa PIBID do curso de licenciatura em História da UFMS-CPTL. Para tanto, a escolha de temas que atentam-se à reflexão acerca da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, é essencial para uma real modificação nas aulas de História que sempre foram lembradas com o tema da escravidão negra africana. Realizamos a sequência didática “O Hip Hop e a Favela”, sendo que, em seu início aplicamos uma atividade diagnóstica disparadora, um questionário para a turma (2ºA) contendo cinco questões, nas quais permitiam-lhes descrever sobre seus conhecimentos prévios em relação aos conceitos posteriormente desenvolvidos.

O recorte temático possibilita aos alunos a identificação, em partes, sobre uma vertente cultural bastante recente, o Hip Hop⁴, que teve seu surgimento oficializado nos Estados Unidos, e que sucessivamente foi-se caracterizando em diversos países, inclusive o Brasil. Em solo brasileiro iniciando-se por volta de 1984, o Hip Hop vai dialogar, mais a frente, com a diversidade cultural afro em diferentes regiões. Dependendo de seus praticantes, por exemplo, em que a presença do gingado da capoeira no “breaking”⁵ pelo B-boy/B-girl, ou da miscigenação da batida do samba com o “break-beat”⁶, pelo DJ, é que pode-se dizer que o Hip Hop e seus elementos assomam a história de luta e resistência pela legitimação da cultura negra em nosso país.

OBJETIVOS PROPOSTOS

Geral: Fazer com que os alunos compreendam o Hip Hop como um movimento cultural originado dentro das periferias norte-americanas, contrariando a falsa ideia de que tanto a periferia, como a favela, sejam lugares desprovidos de cultura e incapazes de gerar cultura. Com isso buscamos elucidar sua disseminação para o mundo, com foco no Brasil, assim como o significado que esse movimento adquire para os grupos sociais que o produz cotidianamente.

Específicos: Conhecer o surgimento do Hip Hop nos EUA e seu desenvolvimento no Brasil (1970-1990); Compreender o Hip Hop como um movimento cultural de

⁴ Uma cultura baseada em quatro elementos chaves: DJ, MC, B-boy/B-girl, Graffiti.

⁵ Denominação de um dos estilos de dança da cultura Hip Hop. “Breaking”, em inglês significa “quebrada”, pois a partir de um estilo musical que possui batidas rítmicas percussivas pares é que se acompanha um dos estilos de dança possíveis por esta composição. O “b-boyng” ou a “b-girling” [B (breaking)-boy/girl (garoto/garota) que dançam na quebrada da batida da música] executam passos específicos desta dança que determinam seu padrão.

⁶ “Break-beat” do inglês “quebrada-batida”. Na cultura Hip Hop a quebrada (batidas rítmicas percussivas pares) na batida da música é a singularidade do ofício do DJ que, por sua vez, é um dos elementos constituintes da base da cultura Hip Hop.

manifestação artística de caráter denunciativo; Conhecer os elementos que formam a base da cultura Hip Hop; Compreender o processo de favelização da cidade do Rio de Janeiro (final do séc. XIX e começo do séc. XX); Compreender e saber diferenciar o uso dos termos “raça”, “etnia” e “racismo”.

REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Utilizamos alguns teóricos que contribuíram ao longo da proposição da sequência didática. A partir de João Batista de Jesus Félix autor da tese “Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano” (2005), e Rafael Lopes de Sousa com a dissertação “O movimento hip hop: a anti-cordialidade da “república dos manos”, e a estética da violência” (2009), fundamentamos o conceito da cultura Hip Hop no Brasil. Isto inclui sua origem e desenvolvimento, assim como sua expansão para o mundo, e a relação íntima que este movimento possui com as favelas e periferias.

Para melhor conhecer o conceito de racismo, utilizamos o livro de Kabengele Munanga “O negro no Brasil de hoje” (2006) e o livro “Racismo e Anti-racismo no Brasil” do sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (1999). Esses livros aprofundam não só a discussão sobre o racismo em si, mas toda a discussão em torno de raça, preconceito, discriminação, etnia, ações afirmativas e etnocentrismo. São conceitos que circundam toda a questão de desigualdade social à qual os negros, em nosso país, estão imersos.

Abordamos também, sobre o processo de favelização na cidade do Rio de Janeiro a partir da obra de Oswaldo Porto Rocha, “A era das demolições” (1995), destacando o início do século XX com a reforma urbana da então capital federal do Brasil. Um processo de modernização da capital que envolveu tanto a questão estética, sanitária, e viária em expansão, formatou a estrutura da cidade e um novo modelo parisiense, assim como, reconfigurou os residentes de seu centro, desencadeando por fim, as primeiras habitações em seus morros.

Sistematizamos todas essas teorias a partir dos pressupostos que Zabala (ZABALA,1998, cap.II, pgs. 27-52) nos orienta. Dividimos a sequência em conteúdos conforme abaixo:

Conteúdos Conceituais:

Cultura Hip Hop no Brasil;

Processo de favelização da cidade do Rio de Janeiro (final do séc. XIX, começo do século XX);

Racismo;

Conteúdos Procedimentais:

Leitura e audição de canções (letras de músicas - rap brasileiro);

Leitura de textos;

Interpretação de imagens;

Produção de graffitis.

Conteúdos Atitudinais:

Respeito com relação as diferenças étnico-culturais;

Respeito com relação ao multiculturalismo presente no Brasil;

Colaboração nas discussões e sistematização das ideias para a construção dos graffitis;

Criticar o próprio meio sociocultural em que vive.

METODOLOGIA

Tendo em vista que teríamos pouco tempo para o desenvolvimento da sequência “O Hip Hop e a Favela”, com doze aulas de cinquenta minutos cada, num total de dez horas disponíveis, nos preocupamos em elaborar estratégias didáticas que contribuíssem com o entendimento dos alunos dos conteúdos planejados.

Na metodologia em sala de aula (2ºanoA), expressa nos conteúdos procedimentais, dividimos a sequência didática em duas partes. A primeira mais teórica-conceitual com aulas expositivas e dialogadas, leitura de textos e interpretação de imagens, entre outras análises. Na segunda, nos engajamos em aulas mais práticas expressas na produção dos graffitis. Desenvolvemos a atividade em papéis A3 para desenho, mesmo sabendo que o rompimento de sua execução dentro da sala de aula seria crucial para o real entendimento desta prática cultural, pois vivenciá-la-iam.

Acreditamos que “O Hip Hop e a Favela” sofreu uma resistência muito grande por parte de alguns dos alunos desta turma. Talvez as causas desta resistência estejam não só nas falhas de nossa postura de atuação, devido nossa inexperiência enquanto professores em formação, mas também na própria recusa do estudo deste conteúdo específico pelos alunos, e principalmente, pelo professor titular, que juntos associaram-no como dispensável ao currículo escolar.

Isso, porém, nos motiva a permanecermos no PIBID e a reconhecermos que este programa têm nos proporcionado a prática com diferentes metodologias de ensino, ao vivenciarmos a realidade que se encontra a educação brasileira, fortemente ligada a atos

discriminatórios quando na seleção de conteúdos pelos currículos e livros didáticos ao longo da história. De acordo com Oriá Fernandes em um de seus trabalhos de 1996,

‘Os livros didáticos, sobretudo os de história, ainda estão permeados por uma concepção positivista da historiografia brasileira, que primou pelo relato dos grandes fatos e feitos dos chamados “heróis nacionais”, geralmente brancos, escamoteando, assim, a participação de outros segmentos sociais no processo histórico do país. Na maioria deles, despreza-se a participação das minorias étnicas, especialmente índios e negros. Quando aparecem nos didáticos, seja através de textos ou de ilustrações, índios e negros são tratados de forma pejorativa, preconceituosa ou estereotipada (Oriá, 1996)’ (ORÍÁ, 2005, p.380).

Assim, aplicamos no último encontro uma avaliação escrita contendo três questões em que os alunos poderiam consultar apenas o material impresso que continham, sendo todos os textos disponibilizados durante o desenvolvimento da sequência, anotações no caderno, dentre outros. Deste modo, a comparação entre a primeira atividade diagnóstica e esta última avaliação, nos apontaria o desenvolvimento individual do processo de aprendizagem de cada aluno.

Segue abaixo uma imagem do resultado da produção artística realizada por uma aluna participante da sequência, a partir do estudo de um dos elementos que formam a base da cultura Hip Hop, o graffiti.

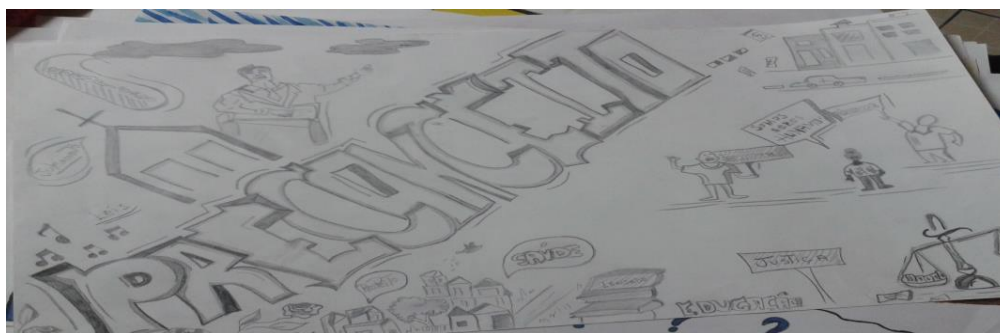


Figura 1: Graffiti produzido por uma aluna da Escola Estadual Padre João Tomes/Três Lagoas/MS.

2015

Nesta imagem podemos constatar a presença do caráter denunciativo nas diferentes mensagens que a produção artística apresenta. A aluna identificou e apontou a existência de uma discriminação racial contra negros e pardos em nosso país atual, ao

criar um balão de fala para um personagem ilustrativo negro, “somos seres humanos”, e outros mais com frases de protesto como “igualdade” e “liberdade”. A aluna ainda abre a possibilidade de reflexão sobre o descaso e a desigualdade social para com as comunidades periféricas em diferentes áreas públicas, seja na saúde, na educação e na justiça, a população mais pobre e em sua maioria negra, sofre com as consequências de um sistema corrupto e discriminatório. Sua interpretação ainda engloba a questão do julgamento religioso neste mesmo sentido.

Este produto final por ser uma atividade diferenciada se em comparação com uma aula tradicional de História, nos trouxe resultados ainda mais qualitativos. Além do graffiti podemos variar com jogos, vídeo-documentário, dança, teatro, música, etc., conforme o tipo de sequência que está sendo desenvolvida, pois, dinamizam as aulas e tornam o aprendizado significativo para a orientação social do aluno, já que estes recursos estão mais próximos de seus cotidianos, além de proporcionarem a interdisciplinaridade.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

A contribuição e o resultado de nosso trabalho foi esclarecer a intencionalidade da Lei 10.639, assim como, efetivá-la na aula de História. Acreditamos que as discussões referentes a história da cultura afro-brasileira e africana devem ser pontuadas na educação básica, cabendo ao professor desenvolver essa temática em seu plano de ensino, e na prática com os alunos. Segundo José Ricardo Oriá Fernandes:

Somente o conhecimento da história da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro, além de contribuir para o resgate da auto-estima de milhares de crianças e jovens que se vêem marginalizados por uma escola de padrões eurocêntricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação (FERNANDES, 2005, p.382).

A experiência relatada neste trabalho através da sequência didática “O Hip Hop e a Favela”, têm, portanto, a pretensão de apontar um dos caminhos possíveis de pesquisa, para professores e alunos, diante da multiplicidade de temas subentendidos pela lei.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano**. SP, 2005.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005.

GUIMARÃES, António Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**/ Kabengele Munanga; Nilma Lino Gomes – São Paulo: Global, 2006. – (Coleção para entender)

ROCHA, Oswaldo Porto. **A Era das Demolições**: cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920;
CARVALHO, Lia de Aquino. **Contribuição ao estudo das habitações populares**: Rio de Janeiro: 1866-1906 – 2. ed. – Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

SOUSA, Rafael Lopes de. **O movimento Hip Hop**: a anti-cordialidade da “República dos Manos” e a estética da violência - Campinas, SP: [s. n.], 2009.